

DIAS GOMES

O BEM-AMADO

farsa sociopolítico-patológica
em 9 quadros

12ª edição

B
BERTRAND BRASIL

Rio de Janeiro | 2014

PRIMEIRO QUADRO

Pequena praça de uma cidadezinha de veraneio do litoral baiano. Há uma grande árvore, um coreto e uma venda. Sob a árvore, sentado no chão, Chico Moleza dedilha molemente o violão. Em frente à vendola, Seu Dermeval remenda uma rede de pescar. É um mulato gordo e bonachão, de idade já avançada.

Passa-se meio minuto. Entram Mestre Ambrósio e Zelão carregando um defunto numa rede. O enterro é acompanhado apenas por uma beata, velhinha, enrugada como um jenipapo, e um cachorro, um magro vira-lata, que vem amarrado à rede. Mestre Ambrósio é um velho pescador de tez moreno-avermelhada, curtido do sol. Musculatura batida, chapelão de palha, calças de algodão branco, sua figura infunde respeito. Zelão é um negro reluzente, mais moço do que mestre Ambrósio, pescador como ele. Traz vários amuletos no pescoço e um bom humor constante. A velha reza baixinho enquanto os dois pescadores avançam até ao centro da cena, com o passo não muito firme, e aí depositam o féretro. Moleza para de tocar e descobre-se, em sinal de respeito. O apelido o define bem: gestos lentos, descansados, fala mole, é ele um retrato vivo da cidade, onde a vida passa sem pressa.

MESTRE AMBRÓSIO

Vamos molhar um pouco a goela na venda de seu Dermeval, Zelão.

ZELÃO

É bom.

DERMEVAL

(*Indicando o defunto.*) Mestre Leonel?

MESTRE AMBRÓSIO

É. Embarcou, coitado.

DERMEVAL

(*Dirige-se à venda.*) No mar?

MESTRE AMBRÓSIO

Qui-o-quê. Janaína quis saber dele não. Esticou em terra mesmo.

ZELÃO

É de hoje que não entrava num saveiro. Mal aguentava com um caniço. Quase cem anos no costado, sabe como é.

MESTRE AMBRÓSIO

Tava que nem saveiro velho, cheio de ostra pelo casco, fazendo água por todo lado. Precisava mesmo ir pro estaleiro.

DERMEVAL

Também entornava um bocado.

MESTRE AMBRÓSIO

Pra esquecer. Sabe o que é um mestre de saveiro respeitado como ele foi chegar ao fim da vida tendo quase que pedir esmolas?

ZELÃO

A gente sempre dava para ele as sobras da pescaria: pititinga, chicharro, peixe miúdo.

MESTRE AMBRÓSIO

Morreu sem ter dinheiro nem pro caixão.

DERMEVAL

Tinha parente não?

MESTRE AMBRÓSIO

Ter, tinha. Botou um bocado de filho no mundo, o falecido, que a terra lhe seja leve. Mas tudo levantou âncora. Uns foram pra Salvador, outros pra São Paulo. Por aqui só aparecia mesmo, de vez em quando, a filha mais nova. Uma que caiu na vida.

ZELÃO

E que pedaço de mau caminho, seu mano! Tenho uma sede nela!

MESTRE AMBRÓSIO

Oxente, Zelão, respeita o defunto!

ZELÃO

Que o finado me desculpe, mas é mesmo. E um dia eu ainda pesco um cação de três metros, boto o dinheiro no bolso e vou me afogar naquelas águas. (Ri.)

MESTRE AMBRÓSIO

Dá mais um porongo.

Dermeval enche os dois copos. Eles bebem de um trago. Dermeval torna a enchê-los. Enquanto isso, Moleza levanta-se com a sua característica lentidão, aproxima-se do defunto, descobre-o.

MOLEZA

Coisa besta é a vida; ontem tava vivo, hoje tá morto. Que merda!

ZELÃO

Vem tomar um mata-bicho, Moleza.

MOLEZA

(Vai à venda.) Como foi?
Dermeval serve uma cachaça.

MESTRE AMBRÓSIO

A gente voltava da pescaria, hoje de manhã, eu mais Zelão, encontramos ele estendido na praia, o cachorro lambendo a cara.

MOLEZA

Lambendo a cara, Mestre Ambrósio?

MESTRE AMBRÓSIO

E chorava. Chorava de correr lágrima.

MOLEZA

O cachorro?

MESTRE AMBRÓSIO

Oxente, gente, já viu defunto chorar?

MOLEZA

Nem defunto nem cachorro.

MESTRE AMBRÓSIO

Quero que esta luz me cegue, se não é verdade.

ZELÃO

Verdade, sim. O bicho parecia que sabia que o velho tinha espichado. Chorava como gente.

MESTRE AMBRÓSIO

De cortar o coração, seu Moleza.

DERMEVAL

(Referindo-se à velha.) E a velha?

MESTRE AMBRÓSIO

Sei lá. Nós viemos, ela veio atrás.

DERMEVAL

Será que ela e o velho...?

Zelão solta uma gargalhada imoral.

MESTRE AMBRÓSIO

Capaz. Quando era moço, de saía mesmo mestre Leonel só respeitava padre e santo de andor. (*Todos riem.*) Vamos se chegando, Zelão, que ainda temos três léguas pela proa.

DERMEVAL

Três léguas. Quando chegarem lá, em vez de um defunto vão ter dois pra enterrar.

MESTRE AMBRÓSIO

Isto é uma terra infeliz, que nem cemitério tem. Pra se enterrar um defunto é preciso ir a outra cidade.

MOLEZA

Não era melhor jogar o corpo no mar?

MESTRE AMBRÓSIO

Pra quê? Pra vir dar na praia de manhã?

MOLEZA

Jogava bem longe, em alto-mar. Fazia de conta que tinha morrido afogado. Mestre Leonel, que era pescador, ia se sentir até melhor acomodado.

MESTRE AMBRÓSIO

Vinha dar na praia do mesmo jeito. Não vê que se dona Janaína não quis ele quando era moço, não ia querer agora? Janaína gosta é de gente nova, sadia.

DERMEVAL

Falar em Janaína, sabe do caso do sujeito que se encontrou com a mãe-d'água no meio do mar?

ZELÃO

Sei não. Como é?

DERMEVAL

Quando ele viu aquele mulherão pela frente, toda nua, mulher do umbigo pra cima e peixe do umbigo pra baixo, perguntou: “Siá dona, será que vosmicê não tem uma irmã que seja ao contrário?”

Todos riem exageradamente. Estão já bastante bêbedos. Moleza dedilha o violão.

MOLEZA

(*Canta:*)

Dona Janaína princesa que é
Filha das águas do Abaité
Dona Janaína i nanã ê

MESTRE AMBRÓSIO, DERMEVAL E ZELÃO

(*Coro:*)

I nanã ê
I nanã ê

Odorico entra, suando por todos os poros. Não é propriamente um belo homem, mas não se lhe pode negar certo magnetismo pessoal. Demagogo, bem-falante, teatral no mau sentido, sua palavra prende, sua figura impressiona e convence. Veste um terno branco, chapéu-panamá.

ODORICO

Ah, lá estão! Ainda cheguei a tempo.

DERMEVAL

Bom-dia, Coronel Odorico.

ODORICO

Bom-dia, minha gente.

Ao verem Odorico, Mestre Ambrósio e Zelão deixam o balcão. Moleza para de tocar.

MESTRE AMBRÓSIO

Bom-dia, Coronel. Fizemos uma parada rápida, pra molhar a goela. Vamos ter que gramar três léguas.

ODORICO

Três léguas. Pra se enterrar um defunto é preciso andar três léguas.

DERMEVAL

Um vexame!

MOLEZA

Vexame pro defunto, ter que viajar tanto depois de morto.

ODORICO

E uma humilhação para a cidade, uma humilhação para todos nós, que aqui nascemos e que aqui não podemos ser enterrados.

MOLEZA

Muito bem dito.

Entram Dorotéa e Judicéa. A primeira é professora do grupo escolar, de maneiras pouco femininas, com qualidades evidentes de liderança. Paradoxalmente, Odorico exerce sobre ela terrível fascínio. Também sobre Juju esse fascínio se faz sentir. E isso poderia ser explicado por diferentes tipos de frustração.

ODORICO

Quem ama sua terra deseja nela descansar. Aqui, nesta cidade infeliz, ninguém pode realizar esse sonho, ninguém pode dormir o sono eterno no seio da terra em que nasceu. Isto está direito, minha gente?

TODOS

Está não!

ODORICO

Merecem os nossos mortos esse tratamento?

DOROTÉA E JUJU

Merecem não.

Entram Dulcinéa e Dirceu Borboleta, este com uma vara de caçar borboletas e uma sacola. Odorico exerce sobre ela o mesmo fascínio que sobre suas irmãs Judicéa e Dorotéa. Quanto a ele, é um tipo fisicamente frágil, de óculos, com ar desligado.

ODORICO

(Já passando a um tom de discurso:) Vejam este pobre homem: viveu quase oitenta anos neste lugar. Aqui nasceu, trabalhou, teve filhos, aqui terminou seus dias. Nunca se afastou daqui. Agora, em estado de defuntice compulsória, é obrigado a emigrar; pegam seu corpo e vão sepultar em terra estranha, no meio de gente estranha. Poderá ele dormir tranquilamente o sono eterno? Poderá sua alma alcançar a paz?

TODOS

Não. Claro que não.

Populares são atraídos pelo discurso de Odorico, que se empolga, sobe ao coreto.

ODORICO

Meus conterrâneos, vim de branco para ser mais claro. Esta cidade precisa ter um cemitério.

TODOS

Muito bem! Apoiado!

DOROTÉA

Uma cidade que não respeita seus mortos não pode ser respeitada pelos vivos!

ODORICO

Diz muito bem dona Dorotéa Cajazeira, dedicada professora do nosso grupo escolar. É incrível que esta cidade, orgulho do nosso estado pela beleza de sua paisagem, por seu clima privilegiado, por sua água radioativa, pelo seu azeite de dendê, que é o melhor do mundo, até hoje ainda não tenha onde enterrar seus mortos. Esse Prefeito que aí está...

DOROTÉA, DULCINÉA E JUJU

(Vaiaam.) Uuuuuu!

ODORICO

Esse Prefeito que aí está, que fez até hoje para satisfazer o maior anseio do povo desta terra?

DIRCEU

Só pensa em construir hotéis para veranistas!

DULCINÉA

Engarrafar água para vender aos veranistas!

ODORICO

Tudo para os veranistas, pessoas que vêm aqui passar um mês ou dois e voltam para suas terras, onde, com toda a certeza, não falta um cemitério. Mas aqui também haverá! Aqui também haverá um cemitério!

JUJU

(Grita histericamente:) Queremos o nosso cemitério!

DOROTÉA, JUJU, DIRCEU E DULCINÉA

Queremos o cemitério! Queremos o cemitério!

ODORICO

E haveremos de tê-lo. Cidadãos sucupiranos! Se eleito nas próximas eleições, meu primeiro ato como Prefeito será ordenar a construção imediata do cemitério municipal.

TODOS

(Aplausos.) Muito bem! Muito bem!

Uma faixa surge no meio do povo.

VOTE NUM HOMEM SÉRIO E GANHE SEU CEMITÉRIO

ODORICO

Bom governante, minha gente, é aquele que governa com o pé no presente e o olho no futuro. E o futuro de todos nós é o campo-santo.

MOLEZA

O campo-santo.

DULCINÉA

Que homem!

DIRCEU

(Repreende-a:) Du, tenha modos!

ODORICO

É preciso garantir o depois de amanhã, para ter paz e tranquilidade no agora. Quem é que pode viver em paz mormente sabendo que, depois de morto, defunto, vai ter que defuntar três léguas pra ser enterrado?

MOLEZA

É mesmo um pecado!

ODORICO

Uma vergonha! Mas eu, Odorico Paraguaçu, vou acabar com essa vergonha.

MESTRE AMBRÓSIO

Seu doutor me desculpe, mas desde pequenininho que eu escuto falar nessa história de cemitério. E a coisa fica sempre na conversa. Todo mundo acha que deve fazer, mas ninguém faz.

ZELÃO

Lá isso é.

Entra Neco Pedreira. É o dono do jornaleco da cidade, A Trombeta. Jovem combativo, algo esclarecido, afora uma certa dose de charlatanismo, é um indivíduo positivo, um pouco acima da mentalidade da cidade. E a consciência disso lhe produz certa frustração.

ODORICO

Mas eu vou fazer. Os que votaram em mim para vereador sabem que cumpro o que prometo. Prometi acabar com o futebol no largo da igreja e acabei. Prometi acabar com o namorismo e o sem-vergonhismo atrás do forte e acabei. Agora prometo acabar com essa humilhação para a nossa cidade, que é ter que pedir a outro município licença pra enterrar lá quem morre aqui. E vou cumprir.

Neco Pedreira disfarçadamente acende um “espanta-moleque” e o atira no meio da praça. As mulheres gritam, histericamente. O povo corre.

DOROTÉA

É ele! Não podia ser outro!

JUJU

Neco Pedreira!

DULCINÉA

Cafajeste!

NECO

Quem morreu fedeu, Odorico.

JUJU

Minha Nossa Senhora, que heresia!

DOROTÉA

Com certeza vai escrever isso na sua imunda gazeta.

ODORICO

Eu sei que há muita gente que não respeita os mortos nem acredita em Deus. Não é para esses ateístas despenitentes que vamos construir o nosso cemitério.

NECO

Muito obrigado. Espero que você seja o primeiro a fazer uso dele.

ODORICO

(Para os pescadores:) Vamos seguir com o enterro.

MESTRE AMBRÓSIO

Vamos lá, Zelão. Pega na proa que eu vou no leme.
Zelão e Ambrósio voltam a carregar o defunto.

MESTRE AMBRÓSIO

Tava pesado assim quando a gente veio, Zelão?

ZELÃO

Tava não, Mestre Ambrósio.

MESTRE AMBRÓSIO

Então o finado engordou.

ZELÃO

Acho que sim.

MOLEZA

Diz que surra de chicote é bom: a alma sai e o defunto fica mais leve.

ZELÃO

Também já ouvi dizer.

MESTRE AMBRÓSIO

Vamos indo. Na estrada a gente arranja um cipó e dá um chá de vara nele.

DIRCEU

Você vai, Du?

DULCINÉA

Claro. Você não percebe que é importante, Dirceu? Minhas irmãs também vão.

DIRCEU

Eu vou pra casa.

DULCINÉA

Fazer o quê?

DIRCEU

Deixei as borboletas secando na janela, tenho medo dos gatos...

Dulcinéa faz uma cara de fastio e une-se ao grupo que vai acompanhar o enterro.

O cortejo se movimenta. O defunto vai à frente, ziguezagueando em sua rede, por mais esforço que façam Zelão e Ambrósio para caminhar em linha reta. O cão segue, amarrado à rede. E, mais atrás, a Velha, Odorico, Dorotéa, Juju e Moleza, que tira acordes no violão.

VELHA

Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco, bendita sois vós entre as mulheres, bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus.